

# PALCO

JUIZ DE FORA, SETEMBRO. 2011. ANO III. Nº 21

## RESTAURAÇÃO CIÊNCIA DA ARTE

Quando visitamos o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) nem imaginamos todo o trabalho por trás das exposições. Manter as obras do acervo do poeta Murilo Mendes longe das ações do tempo é o trabalho realizado pelos laboratórios de Conservação e Restauração de Pintura e Escultura e de Conservação e Restauração de Papel, que funcionam dentro do próprio museu. Além de conservar e restaurar peças do acervo do MAMM, os laboratórios atendem ao público restaurando bens particulares.

Antigamente a restauração era uma atividade feita por pessoas que apreciavam as artes. Segundo o restaurador de artes plásticas do MAMM, Aloisio Nunes de Castro, a restauração se consolida como ciência a partir do século XIX, quando passa a se apoiar na física, química e biologia agregadas aos preceitos filosóficos, estéticos e éticos.

ração do MAMM –, foi concluído o laboratório de Conservação e Restauração de Pintura e Escultura.

Conservar e restaurar são atividades diferentes. A conservação consiste de ações que vão manter o bem cultural livre do dano, retardando o processo de deteriorização, e a restauração seria a medida de intervenção do bem cultural propriamente dito. “A restauração é uma medida intervencionista, uma medida curativa. A conservação preventiva é uma filosofia de trabalho que desmistifica um pouco a questão dos restauradores estarem atentos apenas ao pincel – uma atividade meramente tecnicista. A conservação preventiva nos faz trabalhar no museu como um todo”, analisa Aloisio Nunes.

No conceito “conservação preventiva” também estão atividades ligadas diretamente ao público, como a



### NESTA EDIÇÃO

**MUSEU**  
AMBIENTE INTERATIVO

**CENTRAL**  
PARCEIRO DOS ARTISTAS

**DIÁLOGOS ABERTOS**  
AS HISTÓRIAS DE  
RUFFATO

**NÍVEA BRACHER**  
PLURAL E  
VANGUARDISTA

**CERÂMICA**  
PINTURA NA LOUÇARTE

**MEMÓRIA**  
TRADIÇÕES GERMÂNICAS

**MÚSICA**  
AÇÕES CULTURAIS DO  
MAMM

**JORGE MAUTNER**  
CARREIRA TROPICALISTA

“Restauração não é arte, é ciência. O restaurador não cria. Nós fazemos uso dos conhecimentos artísticos que temos, mas nos colocamos na plataforma da ciência da conservação”, explica Aloisio.

O setor de preservação do Museu é responsável por planejar, organizar e supervisionar os processos técnicos de conservação e restauração dos bens culturais. Dois bolsistas do curso de Artes da UFJF auxiliam nos trabalhos de restauração no MAMM, um em cada laboratório. Para Aloisio Nunes, o contato do Museu com os alunos, por meio das bolsas de treinamento profissional, é de grande importância para o intercâmbio entre a academia e as metodologias de restauração. “Justamente por ser um setor de preservação dentro de um museu universitário, temos que estar em consonância com as atividades de ensino, pesquisa e extensão.”

O trabalho de restauração não é meramente técnico ou um trabalho que exija apenas um “dom”. O restaurador utiliza metodologias científicas que permitem a conservação das obras ou documentos, respeitando os elementos estéticos e históricos de cada obra. O cuidado com bens que já sofreram algum tipo de restauro é muito importante. “Todo o trabalho é documentado segundo a sua metodologia. Tiram-se fotos de cada passo das intervenções feitas. A peça sai do laboratório com um registro de que foi restaurada e com um relatório do que foi realizado”, explica o assistente de conservação e restauro, Valtencir Almeida dos Passos.

### CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

Os laboratórios do MAMM são anteriores à criação do museu. A ideia de se conservar e restaurar as peças do acervo surgiu quando o Centro de Estudos Murilo Mendes ainda existia. Em 2002, foi implantado o laboratório de restauro de papel e, em 2005 – juntamente com a inaugu-

conscientização do visitante, um trabalho que ganha corpo junto com a educação patrimonial.

### POSTERIDADE

O maior objetivo do Museu é assegurar que as coleções que lá estão atinjam não só as gerações presentes, mas as próximas gerações. Por isso, uma das salas mais importantes na estrutura do MAMM é a da reserva técnica. Inaugurada em 2006, mantém em condições climáticas adequadas as peças que já foram ou serão expostas. “O trabalho de conservação preventiva é talvez o mais importante dentro do Museu: conservar para não restaurar”, analisa Valtencir Almeida.

Dentro da reserva técnica são adotadas medidas de segurança para evitar danos e roubo das obras, como instalação de câmeras, sensores de fumaça e controle da entrada de funcionários. A estrutura oferece condições de acesso e apreciação estética aos pesquisadores.

Também existe um cuidado com obras emprestadas de outras instituições, como foi o caso das peças cedidas pelo Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e da exposição de parte do acervo do Museu Mariano Procópio em 2010. “Os museus nos passam todas as informações sobre as obras e como elas são armazenadas. É um trabalho que fazemos quando solicitam nosso acervo e quando vamos receber peças emprestadas. Fazemos uma avaliação da instituição solicitante e vamos até lá para avaliar as condições técnicas em que as obras estão expostas”, explicou Aloisio Nunes.

O MAMM abriga o acervo artístico e bibliográfico de Murilo Mendes, preservando obras de artistas como Pablo Picasso, Aldo Caló, Fernand Léger e Ismael Nery. As restaurações e ações de conservação feitas pelos laboratórios do Museu mantêm viva a memória da arte e, principalmente, a de seu maior poeta, Murilo Mendes.

Lucília Bortone



## MUSEU ESPAÇO EDUCATIVO

Em um país em que o analfabetismo ainda atinge quase 10% da população com idade acima de 15 anos (9,63%, de acordo com o Censo 2010), defender o museu de arte como ambiente necessário na vida dos brasileiros pode soar pedante à primeira vista. Mas a questão é pertinente. Basta pensar os museus como espaços educativos dialógicos e em constante transformação. Abrigam não apenas acervos palpáveis, mas conhecimento e cultura e, portanto, são poderosos aliados na formação dos cidadãos, com ou sem a participação direta do sistema educacional convencional.

Inaugurei minha experiência com a Divisão Educativa em dezembro de 2009, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Foi um voto de confiança da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, a que o museu está vinculado. Neste curto período, surpreendi-me, por exemplo, com a força de uma exposição, cuja experiência sempre vai além da apreciação passiva de obras de arte.

As visitas às exposições concentram o maior número de frequentadores do MAMM e sempre resultam em respostas muito produtivas. Algumas pré-determinadas, como tema para trabalhos escolares; outras, espontâneas ao estimular no visitante o pensamento crítico diante de uma obra de arte não convencional, um vídeo ou uma conversa informal com os nossos monitores nas visitas mediadas, seguidas de oficinas artístico-pedagógicas.

E é a partir da programação expositiva que o MAMM desenvolve suas outras atividades educativas, alicerçando-se nas diferentes manifestações culturais e não apenas nas artes plásticas. Crianças e adultos demonstram o mesmo entusiasmo no contato com o espaço museológico, e isso é respondido com incremento da frequência ao museu. Ela se multiplica não apenas nas exposições de arte, mas nos cursos de atualização, workshops, eventos de música, cinema, literatura, patrimônio e memória, promovidos pelo MAMM regularmente. Muitas destas atividades são desenvolvidas em parceria com instituições públicas e privadas das mais variadas áreas de atuação, que reconhecem a cultura como uma frente de ação promissora e de excelente visibilidade.

Essa experiência promove o aprimoramento cultural para profissionais, estudantes e sociedade em geral, em um ambiente com ar de

novidade e clima de passeio. Mesmo os que vêm inicialmente para cumprir algum protocolo curricular ou por simples curiosidade transformam a participação nas atividades educativas em um hábito regular e prazeroso.

É assim que o espaço cumpre sua função social de inclusão e colaboração e democratiza o acesso da comunidade às artes e à cultura. Isso desconstrói a imagem do museu como o sagrado “cubo branco” (descrito pelo artista Brian O’Doherty em *No interior do cubo branco*), ou seja, um local elitista para recepção estética e de conhecimento formal destinado a uma minoria.

Outro aspecto que consolida a importância do MAMM como ambiente educativo é a formação profissional, graças à abertura para estágios remunerados oferecidos para estudantes de graduação da UFJF. A Divisão Educativa atualmente oferece quatro bolsas de treinamento profissional.

Mais que recepcionar os visitantes com mediação especializada, estes estagiários atuam em projetos de educação ambiental e patrimonial, desenvolvimento de material didático (inclusive *games*), organização e realização de eventos de atualização profissional. Mais recentemente, o Museu vem se aprimorando quanto a políticas de inclusão social (como atendimento diferenciado para os portadores de necessidades especiais e a popularização de linguagens como Braille e Libras).

Deste contexto de intensa atividade cultural derivam produções acadêmicas como artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso baseados nas experiências vividas no estágio dentro do MAMM. A intenção é enriquecer o currículo desses estudantes para encaminhá-los ao mercado de trabalho com alguma experiência profissional.

Ênfase ainda deve ser dada às outras frentes de atuação do MAMM, como a produção cultural, as bibliotecas do Centro de Estudos Literários e os laboratórios de restauração, que também contribuem significativamente na formação dos futuros profissionais para o primeiro emprego.

Museu é lugar de constante aprendizado. Afinal, o saber é um patrimônio durável.

Sandra Sato  
Arte-educadora do MAMM e artista plástica

## CENTRAL CUMPLICIDADE NO PALCO

Diante do público, expostas, as obras de arte ganham ainda mais sentido. O mesmo ocorre com os livros, cujo valor se amplia à medida que novas interpretações são feitas. Para a tela grande, é o escuro do cinema ou o aconchego do sofá, nas novas significações de quem vê, que finaliza uma produção cinematográfica. Já para os que têm no palco seu espaço de apresentação, é a fagulha entre o gesto do artista e a reação do público que dá a força necessária para a continuidade dos trabalhos.

O Cine-Theatro Central construiu, ao longo de seus 82 anos, uma história de cumplicidade com alguns artistas que pisaram nos 120m<sup>2</sup> de sua boca de cena. Muito mais do que espaço para atuação de ídolos nacionais como Tom Jobim, Elis Regina, Chico Buarque, Sérgio Britto, Bibi Ferreira e muitos outros, a casa tornou-se parceira dos artistas locais, abrigando os variados momentos de suas carreiras.

“O Central é um templo. Em todos os momentos marcantes da nossa carreira, fazemos questão de estar nesse palco desde os primeiros discos”, declara a cantora e percussionista Isabella Ladeira, integrante do grupo Lúdica Música!. Em agosto passado, o trio, formado por Isabella, Gutti Mendes e Rosana Britto, subiu ao palco do Central para lançar o mais novo CD *Mundo Ludo*, o quinto trabalho da carreira que completa dez anos.

Todos os novos shows do grupo passam pelo Cine-Theatro Central, como uma forma de medir a qualidade do espetáculo através de um público exigente, premissa confirmada por muitos ícones que escolhem estrear na cidade, como Ney Matogrosso, que ano passado trouxe o aclamado *Bei-*

*jo Bandido* em sua primeira apresentação. “Se o show dá certo em Juiz de Fora, dá certo em qualquer lugar”, afirma Rosana, que propõe no recente espetáculo uma atmosfera de brincadeiras que incluem até um divertido “passa-bola” entre os artistas no palco.

Em *Não há paz*, faixa que encerra o disco dos lúdicos, a voz do também mineiro Milton Nascimento faz recordar um encontro que já ocorreu diversas vezes nos palcos da casa. “Para nós é uma honra, um presente dos céus ter gravado uma canção com ele e dividir o mesmo palco, como já aconteceu algumas vezes”, derrete-se Isabella, cuja emoção se assemelha à vivida por Felipe Saleme, integrante do grupo Ponto de Partida. Em 2004, a trupe de Barbacena gravou o DVD *Ser Minas tão Gerais*, no qual compartilhou o palco do Cine-Theatro Central com os Meninos de Araçuaí e com Milton Nascimento. Eternizando em vídeo a imagem do teatro, o grupo homenageou o poeta Carlos Drummond de Andrade e, por extensão, Minas. “Se uma gravação precisa ser perfeita, sabemos que só o Central nos dá toda essa estrutura e ao mesmo tempo essa sensação de estar em casa, com uma plateia que, para nós, é a nossa segunda família”, recorda Felipe.

O ator ainda relembra o extenso período em que, junto da companhia, ensaiou para a gravação do show, num clima, segundo ele, de muita calma e conforto, fruto dos muitos espetáculos que trouxeram à cidade. “A hora em que o terceiro sinal soa é a mais intensa para o ator dos palcos. É esse jogo entre o ator de teatro e a plateia que causa a faísca diariamente”, avalia. E essa faísca tem se mantido acesa, constantemente.

Mauro Morais

# diálogos abertos

a memória cultural da cidade

Museu de Arte Murilo Mendes



## LUIZ RUFFATO

Um dos escritores mais representativos da literatura brasileira contemporânea, Luiz Ruffato é um autor com um projeto político-literário claro: inaugurar a representação do proletariado nas letras nacionais. Esse personagem, que ele tão bem conhece de sua Cataguases natal, cidade industrial de sua infância e juventude, e por experiência própria, como ex-torneiro mecânico que foi, é o foco de seu maior sucesso literário, *Eles Eram Muitos Cavalos*, e de sua "pentalogia" *Inferno Provisório*, cujo quinto e último volume sai em 2011. Em depoimento ao projeto Diálogos Abertos, em 27 de novembro de 2007, Ruffato falou sobre memória e literatura, seu processo criativo e sua visão do papel do escritor.

### JUIZ DE FORA

Estar aqui hoje, neste lugar, é uma honra que vocês não podem imaginar, porque, além de dever uma boa parte da minha formação intelectual à Universidade Federal de Juiz de Fora – isso é inegável, fui aluno e recebi inclusive a medalha Juscelino Kubitschek, da qual muito me orgulho –, foi em Juiz de Fora, não tenho dúvida nenhuma, que comecei a me entender como ser humano.

### CATAGUASES

Cataguases, para mim, até 1979, quando vim para Juiz de Fora, era uma cidade operária. Só para se ter uma ideia, nasci e fui criado num bairro chamado Vila Teresa, exatamente no bairro que tem uma praça onde tem um conjunto com uma escultura de Bruno Giorgi, um painel do Portinari, aliás um painel lindíssimo chamado *As fiandeiras*. Passei a minha infância brincando ali, mas não tinha a menor ideia do que fosse aquilo. Só vim descobrir o que era essa Cataguases, a Cataguases do cinema, a Cataguases da literatura, a Cataguases da escultura, das artes plásticas, muito mais tarde. Este fato, para mim, [...] mostra como o patrimônio público brasileiro é da elite e não sai da elite. Estávamos o tempo todo ali e não tínhamos a menor noção do que existia ali.

### MARGENS

Depois também descobri que o Rio Pomba, que divide Cataguases, não divide só a cidade, mas as classes sociais muito claramente. Na margem esquerda do rio é onde estão todos esses componentes do patrimônio público cultural, onde está o Colégio Cataguases, que é um desenho do Niemeyer, onde mora a burguesia de Cataguases, a classe média de Cataguases. Na margem direita, eram as fábricas e onde morava a maioria da população operária. E, como sou filho de margem direita, a margem esquerda para mim sempre foi uma coisa muito distante. A Cataguases da minha literatura é essa Cataguases da margem direita.

### PAPEL DO ESCRITOR

Aprendi muito cedo que há uma grande mitificação da figura do artista de uma maneira geral, mas do escritor particularmente, como ser diferente, como alguém que detém um conhecimento para além do conhecimento normal das pessoas, para além do conhecimento comum, e que isso dá a ele um *status* ou uma diferenciação na sociedade, que acho, absolutamente, de interesse da elite. E por que isso? Porque ficou muito claro para mim que quando, por exemplo, se fala de um escritor, aquele sujeito bêbado, drogado, meio doidão, meio loucão, é a melhor maneira de desqualificar a crítica que faz à sociedade. Por quê? Porque as pessoas falam, diante de uma crítica dele: "É um bêbado, um drogado", ou seja, desqualifica e ponto. Curiosamente, fui percebendo que os próprios escritores assumem esse papel. Isso é muito estranho para mim, porque pensei sempre no seguinte: qual é o papel que eu deva exercer na sociedade? Penso que o papel que todos nós devemos exercer na sociedade,



cada um na sua profissão, é exatamente o papel de indagar sempre, de nunca estar satisfeito, de querer sempre melhorias, não só para você, mas para todas as pessoas que o envolvem.

### PROCESSO DE CRIAÇÃO

[...] acredito que exista uma memória coletiva. Essa memória coletiva é (vou falar uma obviedade, mas enfim...) a soma de todas as memórias, de todas as pessoas, e acho que o escritor (o artista de uma maneira geral) nada mais é do que um mediador entre essa memória coletiva e o leitor. Tanto que o livro que é publicado e que fica na estante, que ninguém lê, não existe. Quer dizer, o leitor é que dá vida a esse livro. E esse livro tem uma função muito simples, que é devolver ou tentar reintegrar esse leitor à memória coletiva da qual ele participa, mas está alienado dela. Se o escritor pudesse nem aparecer, para mim seria o ideal; não teria a menor importância. Importância, para mim, tem o leitor. É ele que, através de sua experiência, vai dar vida ao livro, vai dar vida a essa memória coletiva. Penso que, quando ele entra num livro de uma maneira e sai diferente, ele foi modificado. Portanto, se um livro consegue modificar uma pessoa (e a sociedade é feita de várias pessoas), então o livro pode modificar a sociedade. Acredito piamente nisto.

### FALTA DE INSPIRAÇÃO

É evidente que esse medo é um fantasma que paira sobre a cabeça de qualquer pessoa que trabalha com essa coisa que é impalpável. É algo com que você se depara no dia a dia. Não sei se existe uma maneira de resolver isso. Esse medo ainda não é concreto no meu caso, hoje, mas é algo que, futuramente, com certeza, irá se tornar algo mais palpável. Tenho uma visão muito clara do que quero para mim na minha carreira literária. [...] Mas tenho humildade suficiente também de saber que, se um dia esgotar a fonte, não vou forçar a barra. Inclusive porque seria uma traição comigo mesmo, do que penso sobre literatura, do que penso como escolha que fiz.

### ELES ERAM MUITOS CAVALOS

Tentei incorporar no livro as várias linguagens que conhecia, linguagem de cinema, linguagem de teatro, linguagem de publicidade, linguagem das artes plásticas etc., a ponto de eu chamar aquilo muito mais de uma instalação literária do que de romance.

### LEITURAS

Nunca comento nada que sai sobre os meus livros, mesmo quando são leituras desfavoráveis ou favoráveis porque não sou dono do livro; simplesmente ofereço de volta essa parte da memória coletiva, e todas as leituras que fizerem de meus livros serão leituras absolutamente válidas.

### ANTIRROMANCE

[...] passei anos e anos tentando resolver um problema, que era o seguinte: no meu ponto de vista, se eu fosse representar ou fosse discutir a história recente do Brasil do ponto de vista da classe operária, usando o romance burguês, seria um absurdo. Porque o romance nasce para dar expressão a uma nova classe social, que era a burguesia na época, e na época era revolucionário, ele nasce para dar conta dessa visão de mundo. Mas essa visão tem um caráter ideológico muito claro. Então, passei anos da minha vida tentando resolver esse problema antes de pensar em escrever. Comecei a perceber que, ao lado da literatura de gênero burguês, existia uma paraliteratura que era o antirromance burguês; ou seja, ela discutia a própria forma do romance burguês. [...] Enfim, pus no liquidificador tudo isso e falei: "tenho que arrumar uma forma para descrever o que quero descrever". Então, como esse universo é um universo que me interessa, essa é a forma que encontrei muito através de *Eles Eram Muitos Cavalos*.



NÍVEA BRACHER, Casa da Lili, Rua das Lages, 1964, óleo sobre tela.

## NÍVEA BRACHER IDEAIS ARTÍSTICOS

*"Os retratos que os outros fazem, se lancetados, verteriam água; os de Nívea, verteriam sangue."*

Roberto Gil

Cinquenta e quatro obras entre retratos, paisagens e naturezas compõem a revisão de obra da artista plástica Nívea Bracher, exposta na Galeria Retratos-relâmpago no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Os traços que herdou de uma família devotada à arte – e não somente à pintura – exibem as inquietações e ideais de Nívea, mas também expõem a memória de sua geração e dos movimentos dos quais participou.

*Nívea Bracher: paisagens, retratos, naturezas* conta a história da artista, que tem sua própria evolução registrada por alguns dos espaços de maior influência na arte produzida na cidade, como a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras (SBAAP) e a Galeria Celina. Em homenagem a Nívea, mas também à SBAAP, a exposição resgata as décadas de 1950 e 1960, período mais importante desta instituição, responsável por reunir os artistas locais e promover mostras que contribuíram para a modernização da pintura em Juiz de Fora.

Numa época em que as artes eram dominadas por homens, Nívea estava na vanguarda da cidade e, mesmo que seja considerada importante retratista em tela do país, nunca negou os outros traços que a transformaram em uma artista plural. "Ela é tímida, mas tem uma personalidade muito aventureira", lembra o irmão Décio, que, nas palavras da própria Nívea, "é um intelectual... É quem fala melhor de todos nós da família", isentando-se de depor sobre ela mesma.

Foi também da SBAAP que surgiram alguns dos trabalhos mais significativos na visão da artista, como a série de retratos do pintor

Roberto Gil, presentes na exposição. "A tela do Roberto é muito densa. Ele é um grande amigo", recorda. Fugindo à tradicional forma de representação, seus retratos captam os sentimentos e as emoções dos indivíduos – suas almas. "Eu gostava muito de desenhar os artistas do cinema, mas não essas figuras já 'glamourizadas', gostava de pegar detalhinhos de jornal, pois [era] ali que eu sentia a essência da pessoa."

Ao lado dos retratos, as cores esmaecidas de algumas paisagens traçam o que o olho nu não vê: a luta pelo patrimônio sempre gravou em telas sua visão crítica do espaço urbano da cidade. Por outro lado, os trabalhos da série *Sol-das-almas* exibem o brilho único do entardecer que a artista registra com sua plasticidade também única. "É aquele sol dourado das tardes de inverno", afirma, categórica. Os traços simples, mas de cores fortes, captam a alma do que quer que esteja retratando, seja a paisagem das alterosas – a velhice das cidades mineiras –, seja a poesia das flores, nem um pouco mortas, em suas naturezas. Não há nada de supérfluo nem convencional.

A última exposição solo de Nívea Bracher em Juiz de Fora aconteceu em 2003. Desde então, a artista participou de mostras conjuntas e agora recebe, até 9 de outubro, a homenagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, com a revisão de sua obra. A artista continua produzindo atualmente, mas a generosidade de seu espírito acaba por doar todas as telas aos seus próprios retratados.

Gabriel Miranda

## CERÂMICA BARRO E ARTE

A mistura é simples: barro, quartzo, feldspato. Modele essa massa em um molde de gesso e a coloque no forno a aproximadamente 1000 °C em caixas abertas. Retire as peças e lixe-as. Brancas, elas merecem, agora, uma pintura em aquarela. Um banho de vidro moído é necessário para dar o brilho e o primor à cerâmica. Volte com o material para o forno, dentro de caixas hermeticamente fechadas. Somente após dois dias a temperatura terá caído completamente. Pronto!

Apenas neste momento é que se saberia o resultado de todo o trabalho artesanal que envolvia a produção da Louçarte, referência na produção de louças, na década de 1950, em Juiz de Fora. São as obras-primas produzidas pela fábrica há meio século que adornam a Galeria Poliedro do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) até o dia 9 de outubro, na exposição que leva o nome deste empreendimento da família Bracher.

O processo demorado se constituiu como um dos principais entraves para a fábrica de louças criada pelo empreendedor Waldemar Bracher, em sociedade com outros três portugueses, em 1953: o ceramista e forneiro Veríssimo de Almeida e os irmãos pintores José e Manuel Marques. O número 307 da Avenida Sete de Setembro sediava os galpões que mantinham os fornos, o estoque e o setor de pintura da Louçarte. À época, a cidade mantinha outras três empresas que se dedicavam à produção de louças.

A argila branca da região do Bairro Cerâmica foi a matéria-prima que os Bracher encontraram para produzir uma louça de excelente qualidade e que era vendida para todo o Brasil, especialmente para o Estado do Rio Grande do Sul. Sempre unidos, pai e filhos compartilhavam com os amigos o tempo que dedicavam à produção do barro, à pintura e à administração do negócio, como bem lembra Carlos Bracher: "A Louçarte foi o 'cadinho' de uma experiência vertiginosa e norteadora do que viríamos a ser, cada um, doravante unificados para sempre, a bebermos a mesma fonte solidária das ramagens artísticas".

A Louçarte abrigou ainda grandes nomes das artes plásticas da cidade responsáveis por delinear finos traços de pincéis sobre aquela robusta cerâmica. Membros da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, Dnar Rocha, Wandyr Ramos e Nilton Martelli criavam flores e paisa-

gens ao lado de Nívea, Décio e Celina, além dos lusitanos José e Manuel Marques. Este último era autor de belos desenhos barrocos inspirados no rococó das igrejas portuguesas. "Apesar de os modelos seguirem basicamente o padrão de Portugal, a pintura na Louçarte se tornou livre dos clichês e cada artista tinha a liberdade de ousar", relembra Décio Bracher.

Décio, que ficou conhecido pela pintura que devolvia aos vasos sua forma original apenas delineando e apresentando seus melhores contornos, presenciou o fechamento da fábrica que viu ser criada. Quatro anos depois de sua fundação, em 1957, a Louçarte fechava suas portas. As interrupções semanais de energia elétrica – muito comuns àquela época – não permitiam o contínuo funcionamento da fábrica, prejudicando a produção e inviabilizando o negócio. Quatro fornos a lenha que guardaram por anos o segredo de produção das louças deixaram de secar o alvo barro que servira de tela para importantes nomes das artes plásticas. Deixaram também de presenciar a infinta variedade de tons de azuis que o também químico Waldemar Bracher desenvolvia em épocas em que a importação de tintas estava proibida no Brasil.

Cada artista no seu estilo, seus punhos ornaram folhas de acanto em vasos, ramalhetes em jarros, paisagens em pratos, flores em cachepôs. Mesmo planejadas para produção em série, peças únicas resultavam do trabalho à mão livre, e cada ânfora era tratada como uma obra de arte única, inclusive com assinatura do pintor. Obras-primas que, expostas no MAMM, lembram constantemente quão delicada e permanente é esta arte que resiste ao tempo.

Gabriel Miranda





## MEMÓRIA A ALEMANHA EM JUIZ DE FORA

No século XIX, os traços que demarcam a Alemanha no mapa não eram como são hoje. Naquela época, os estados, ainda não unificados, começaram a se industrializar. Com os tempos modernos, muitos alemães ficaram sem suas atividades no campo, principalmente aqueles que tinham nas mãos sua força de trabalho. Enquanto isso, no Brasil, D. Pedro II dava a Mariano Procópio Ferreira Lage a concessão para a construção e exploração da primeira estrada de rodagem pavimentada do país, a Estrada União e Indústria, entre Juiz de Fora e Petrópolis.

Para dar vida a esta obra pioneira, eram necessários profissionais especializados dispostos a trabalhar. Não foi difícil convencer milhares de alemães a virem para o Brasil. Uma terra cheia de oportunidades era tudo de que eles precisavam. Fundidores, mecânicos, ferreiros, carpinteiros, pedreiros e pintores, entre outros profissionais, estavam a postos para construir a Estrada União e Indústria. Os europeus começaram a chegar por volta de 1858, formando a maior comunidade alemã de Minas Gerais.

Instalados em duas colônias onde hoje ficam os bairros São Pedro e Borboleta, eles vieram com suas famílias, chegando a representar, na época, cerca de 20% da população da cidade. Ainda é possível encontrar na arquitetura as marcas das construções feitas pelos colonos. O padeiro Valter Weitzel é descendente de alemães e relata que seu tataravô veio para o Brasil depois de se casar: "Meu pai contava que o bisavô dele e a esposa tinham uma vida de muito trabalho e nem falavam português, mas conseguiram prosperar e construir comércio", rememora Valter.

O tempo se encarregou da integração entre brasileiros e imigrantes, e a miscigenação deu origem a descendentes que cultivam suas raízes. Reunidos em grupos como a Associação Cultural e Recreativa Brasil e Alemanha, com sede no Bairro Borboleta, os descendentes preservam a cultura germânica na memória da cidade. Dança, música, culinária, artesanato e outros hábitos típicos podem ser recordados em eventos como a Deutsches Fest, popularmente conhecida como Festa Alemã, que acontece anualmente no Bairro Borboleta e está na sua 17ª edição.

Em 2011, a construção da Estrada União e Indústria completa 150 anos, e a comemoração é um dos temas da Deutsches Fest. "A construção da Estrada União e Indústria foi a responsável por colocar a economia de Juiz de Fora em evidência. Em 1861, quando a estrada foi inaugurada, a cidade era a terceira maior economia do Estado. Em apenas nove anos, a economia juiz-forana era liderança em Minas Gerais", informa Dilza Masson Franck, secretária da Associação Cultural e Recreativa Brasil e Alemanha. A Banda Schmetterling voltou a se apresentar na festa este ano, especialmente para lembrar a recepção oferecida ao Imperador, ainda no século XIX.

A historiadora Edméa Fonseca avalia que a preservação das raízes através de movimentos culturais, como as festas e associações, é positiva para a formação da identidade dos descendentes, além de enriquecer as manifestações culturais locais. "A prática de antigos costumes e os ensinamentos transmitidos de geração em geração é uma forma eficaz de cultivar a história", ressalta.

Bárbara Ribeiro

## MÚSICA TONALIDADE DO SOM

Música é a arte que acontece quando o silêncio não impera. Delimitar o significado de "música" não é tarefa fácil, porém, em sua definição como arte, a palavra ganha diferentes cores para os infinitos ritmos possíveis. É esta expressão artística que ganha os corredores do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e emite azuis, amarelos e vermelhos, unindo as artes plásticas a outras manifestações culturais.

Essa mesma música vem pautando alguns trabalhos do museu desde que a Pró-reitoria de Cultura assumiu sua administração em 2006 e, ainda naquele ano, criou o *Musicamamm*, projeto que se dedica à diversidade musical de Juiz de Fora. Artistas consagrados e jovens músicos se apresentam com entrada gratuita e exibem suas diferentes concepções e influências. A dinâmica do projeto comporta todos os tipos de melodia, o que levou o MAMM a abrir suas portas para a música clássica, o samba, o rock, os ritmos instrumentais e a MPB.

A proposta de apresentações quinzenais progrediu e, hoje, a maioria das semanas do mês já conta com shows do cenário juiz-forano e nacional. Músicos e grupos como Fernamda Ca, Lúdica Música, Dudu Lima e Roger Resende já passaram pelo palco do MAMM, ao lado de outros, como Sueli Costa, Eminência Parda, 3,2, Único e Quinteto São do Mato. Em agosto, o museu recebeu o tropicalista Jorge Mautner para uma apresentação que reuniu centenas de pessoas no auditório do museu (leia entrevista com o artista na página 6). Quando questionado se faz diferença tocar num espaço como o MAMM, a resposta foi certa: "Ah, faz. O museu é a casa das artes, muito bom quando ele recebe a música também".

Neste mesmo mês, o mineiro Luizinho Lopes esteve presente no *Musicamamm* mostrando as notas de suas composições para o show *Noiteceu* – algumas letras em parceria com os escritores Iacyr Anderson Freitas e Luiz Ruffato. O veterano lembra que a extensão oferecida pelo MAMM é diferente de qualquer outra que a cidade tenha à disposição. "Senti-me muito honrado pelo convite. Valorizo, cada vez mais, estes es-

paços reduzidos, nos quais temos convívio com um público específico. Minha música é mais para teatro, com pessoas realmente interessadas em música, sem aquela conversa de bar", afirma o compositor.

### MELODIA E TRADIÇÃO

O *Musicamamm* cumpre com um dever que a cidade, ao longo do tempo, foi interiorizando: a tradição musical de Juiz de Fora narra, há décadas, a trajetória de diversos ritmos que se sobressaíram em seus costumes culturais, como o maxixe, a embolada, o calango e os saraus. A isto, une-se a herança musical que o samba deixou ao município, como a Turunas do Riachuelo, primeira Escola de Samba de Minas Gerais, criada em 1934. Alia-se também o fato de que, na década de 60, Juiz de Fora sediaria os Festivais de Música Popular, realizados no Cine-Theatro Central e no Sport Club Juiz de Fora, nos quais grandes nomes da música brasileira se apresentaram, incluindo o compositor juiz-forano Mamão, consagrado por *Tristeza pé no chão*.

As meninas do grupo Matilda, também veteranas em suas apresentações no MAMM, acreditam que a cena musical da cidade vem crescendo. "Cada vez mais vem surgindo músicos acreditando no seu próprio trabalho", explica Bia Nascimento, uma das "Matildas". E, ao mencionar o *Musicamamm* como um projeto plural, Bia dá créditos às ações desenvolvidas por se comprometerem com a divulgação dos músicos da cidade. "É também uma oportunidade de pesquisa, uma forma de conhecer o trabalho de outros artistas, trocar informações, contatos, ideias..."

O *Musicamamm* compõe a política cultural da Universidade Federal de Juiz de Fora, que concentra projetos que desempenham a tarefa de abrir as portas do MAMM a toda a comunidade. A programação do museu, como a visitação, é gratuita e possibilita a ampliação do espaço para além de suas paredes, intensificando o intercâmbio cultural.

Gabriel Miranda



# AGENDA



## CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/nº.  
(32) 3215-1400  
www.theatrocentral.ufjf.br

03, 04 e 11.09 Festival Nacional de Teatro

06.09, 21h30 Milton Nascimento e Padre Fábio de Melo

10.09, 21h Minhas sinceras desculpas, Edu Sterblitch

19 e 24.09, 20h Festcoros

## MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790  
(32) 3229-9070  
www.ufjf.br/mamm  
Terça a sexta: 10h às 18h  
Sábados e domingos: 13h às 18h

## EXPOSIÇÕES

História em Quadrões, Pinturas de Mauricio de Sousa  
Galeria Convergência  
Os personagens d'A Turma da Mônica estão reunidos em releituras de grandes obras-primas da história da arte mundial

Nívea Bracher: paisagens, retratos, naturezas

Galeria Retratos-relâmpago  
Toda a plasticidade da artista reunida em 54 trabalhos em uma revisão de obra que resgata as décadas de 50 e 60

Louçarte  
Galeria Poliedro  
Obras-primas produzidas há mais de um século pela fábrica de louças apresentam pinturas de artistas juiz-foranos consagrados

## MUSICAMAMM

13, 14, 15 e 16.09, 13h Encontro Internacional de Música e Artes Sonoras

22.09, 20h Carlos Henrique Pereira, lançamento do CD Minas, Gerais

## CINEMAMM

01.09, 19h Heloisa Alvim, Mostra de filmes

## JORGE MAUTNER ARTISTA CONTEMPORÂNEO

O que são 70 anos? Quantas canções cabem neste espaço de tempo, quantos livros? Jorge Mautner pode responder. Aos 18 anos, quando publicou seu primeiro texto, ele iniciava uma carreira que está à beira das bodas de ouro. Entre as parcerias ilustres, Nelson Jacobina ainda abraça o violão que dá o tom às composições de Jorge. Gilberto Gil e Caetano Veloso, companheiros de álbuns, gravações e viagens, dividem prêmios e palcos nessa história de muitas páginas.

Desde o primeiro compacto, em 1965, a música foi o meio pelo qual Mautner mandou muitos recados. Em dia com os acontecimentos, ontem ele falava de liberdade, hoje ele fala de "brasilidade". "Ou o mundo se 'brasilifica', ou se torna nazista", diz ele sobre o atentado na Noruega, em resposta ao terrorista que usou o Brasil como exemplo de falência por causa da mistura entre os povos.

Diversidade, aliás, é com Jorge Mautner. Além de misturar música e literatura, ele encontrou tempo para escrever roteiros e filmar. Sobra espaço para dar palestras, acreditem. Para quem vive de arte, aniversariar com ela seria mesmo o melhor presente. Além disso, durante este ano e todo o ano que vem, "desvendamos o Brasil pela visão de José Bonifácio de Andrada e Silva", convida Jorge para o programa que ele comanda na TV Brasil.

O futuro reserva algumas surpresas. Em mais um projeto que viajará pelo país, a união entre Mautner, Gil e Veloso se confirma: filme, álbum, show. Com o futuro, a tecnologia. É pelo Facebook que ele interage com a nova geração que o acompanha.

## O SHOW

O saguão do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) estava lotado na noite de 12 de agosto. Por volta das 20h, o público já rodeava as escadas que levam ao anfiteatro do MAMM. Aos 70 anos, Jorge Mautner aguardava a hora de entrar no palco e tocar para aquelas pessoas, mostrando que a idade é quase nada. O tropicalista cheio de talento e de história para contar estava ali para mostrar que o tempo pouco pesa nas costas de quem leva um mundo dentro da cabeça.

Na plateia, jovens adultos, adultos não tão jovens, pais, filhos e avós. Aos 21 anos, Paula Oliveira, estudante de Comunicação Social, aguardava ansiosa pelo show na companhia da mãe, a socióloga Lídia Oliveira, que é fã de Jorge Mautner desde a adolescência e apresentou o músico à filha. "A contemporaneidade de Mautner é rara", avalia Lídia. "As músicas compostas há tanto tempo traduzem o sentimento dos jovens de hoje, um convite a refletir sobre a política e a sociedade em que vivemos. Parece-me que a juventude pouco mudou", concorda a jovem Paula.

Jorge Mautner entrou no palco empunhando seu violino, na companhia de Nelson Jacobina ao violão. Muito aplaudido, cantou algumas canções e convidou Rubens Jacobina, que, sozinho, cantou e tocou poemas musicados por ele, sucessos da Orquestra Imperial, da qual faz parte, além de composições próprias.

A energia no palco não denunciava a idade dos músicos. Quem a perceberia? Certamente o coração não se cansou de compor, cantar ou sonhar. De volta ao palco, Jorge e Nelson vieram para fechar a apresentação com chave de ouro. *Todo errado*, *Homem Bomba*, *Sapo Cururu*, *Maracatu Atômico* e *Manjar de Reis* fizeram a plateia cantar junto. Para a música, ele se doou por inteiro, tudo foi entregue.

## ENTREVISTA

A música e a literatura foram duas artes que sempre estiveram presentes na sua trajetória. Seria possível escolher entre elas, dizer qual delas melhor o representa? Há algo que o senhor gostaria de fazer pela sétima arte?

Tudo o que falo nas minhas letras e textos são produto da mesma fonte de inspiração, portanto sempre andam juntas. São duas paixões difíceis de saber onde começa uma e acaba a outra. A música permite cantar a angústia que é esta amálgama que corrói nossos dias. Os livros e textos servem para o mesmo fim. Os dois estarão sempre juntos. No cinema, ainda falta muita coisa para fazer... Já escrevi roteiros, participei de muitas atividades relacionadas, mas há muito a ser feito. Escrevi uma peça para o Afroreggae, *Urucubaca!*, que está viajando o Brasil. O cinema, vou deixar para minha filha Amora Mautner.

Qual é a sua impressão ao notar que os jovens cantam suas músicas, são a favor das suas reivindicações e ouvem com atenção suas ideias sobre o Brasil e o mundo?

É totalmente de felicidade. Essa garotada foi quem mais compreendeu este caos, esta amálgama. Nunca houve uma geração que tanto entendesse e que vai além. Eles entendem a necessidade de diversificar, de *multiculturalizar*. É preciso que as pessoas entendam que ou o mundo aprende com o Brasil a se diversificar, ou se tornará nazista como um todo. Esta garotada de hoje em dia compreende esta ideia.

Quais os projetos para o restante do ano? Quais são as novidades?

A parceria com Gilberto Gil e Caetano Veloso continua no documentário *Filho do Holocausto*, que será exibido em festivais e vai virar CD e DVD. Com o Maracatu Estrela de Ouro Aliança, do mestre Duda, gravei o DVD que vai se chamar *Maracatu Atômico - Kaosnavial*. É de Nazaré da Mata, em Pernambuco. Na TV Brasil, continua o *Oncotô*.

Bárbara Ribeiro



Foto: Marcelo Ribeiro - Tribuna de Minas